

RACISMO E UNIVERSIDADE: REFLEXÕES SOBRE O SER NEGRO NA UNIVERSIDADE

RICHARD FARIAS SOARES¹; CHRISTIELE LOPES DA LUZ²; MARINA SOARES
MOTA³

¹Universidade Federal de Pelotas – richardfariasecp@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – cristieleluz@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – msm.mari.gro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O conceito de racismo institucional foi definido no livro “Black Power: A Política de Libertação nos Estados Unidos” pelos ativistas negros, Stokely Carmichael (Kwame Ture) e Charles V Hamilton, em 1967, onde procuravam abordar o funcionamento do racismo nas estruturas de poder e instituições norte-americanas. Diferenciando-se do mais conhecido, mas também importante, conceito de racismo individual que é quando alguém agride, ofende e exclui outra pessoa com base na sua origem étnico-racial sendo algo que rotineiramente vemos acontecer em estádios de futebol e abordagens policiais, por exemplo. Os autores afirmam que “O segundo tipo (racismo institucional) tem origem na operação de forças estabelecidas e respeitadas na sociedade e, portanto, recebe muito menos condenação pública do que o primeiro tipo (racismo individual)” (CARMICHAEL, HAMILTON, 2021, p. 34).

Evidenciando que o racismo institucional é a continuação de forças e práticas que estão normalizadas na sociedade, na qual em contexto brasileiro, o jornalista e professor Dennis de Oliveira, vai complementar com o conceito de racismo estrutural sendo a naturalização de ações racistas que perpassam as relações políticas, sociais, econômicas e subjetivas. Observa-se que no país, o racismo aparece de forma velada, muitas vezes sem requerer nenhum esforço para sua descoberta. É possível percebê-lo, por exemplo, no tratamento incriminatório comum em lugares públicos e na forma como pessoas negras são vistas na mídia, dificultando a construção de reflexões raciais e normalizando desigualdades que são impostas no aspecto étnico-racial (OLIVEIRA, 2021).

A Universidade carrega os mesmos problemas presentes na sociedade, que podem ser vistos através do currículo embranquecido, limitadas discussões sobre relações étnico-raciais, falta de professores negros e solidão acadêmica sendo aspectos que colocam os estudantes negros em lugar de invisibilidade e rejeição através de representações sociais negativas do ser negro em espaços sociais considerados brancos (hooks, 2019)¹. Diminuindo as potencialidades dos estudantes negros, colocando-os em circunstância de incapacidade intelectual, sobretudo as estudantes negras que experienciam o ambiente acadêmico com duplas discriminações de gênero e raça, ressaltando a urgência de enfrentar o racismo e o sexismo que aparecem de diversas formas na Universidade (CHAVES, 2024). Todos estes problemas resultam do racismo institucional, além de dificultarem a permanência dos estudantes negros, também geram subjetividades negativas acerca do ser negro na Universidade, reproduzindo

¹ bell hooks é o pseudônimo escolhido por Gloria Jean Watkins em homenagem à sua avó. O nome escolhido, grafado em letras minúsculas, é um posicionamento político da recusa egóica intelectual. bell hooks queria que prestássemos atenção em suas obras, em suas palavras e não em sua pessoa.

cenários de violências cotidianas que nos levam a um passado escravagista e colonial onde pessoas negras não podiam ocupar espaços de ascensão social (KILOMBA, 2019).

Assim, entende-se o dever de reconhecer a existência destes problemas de desigualdade racial que tão profundamente estruturam nossa sociedade e Universidade (DA SILVA, 2017). Como também a necessidade de criar espaços, que dialoguem com as experiências e vivências dos estudantes negros, espaços que comumente são criados por coletivos presentes na Universidade, a exemplo do Coletivo Hildete Bahia: Diversidade e Saúde (Coletivo) que atua como um projeto de extensão e possui em seus eixos de trabalho, a saúde da população negra.

Diante do exposto, este trabalho tem por objetivo relatar a experiência de um estudante negro, integrante do Coletivo Hildete Bahia e graduando em Licenciatura em História, na coordenação da roda de conversa “Racismo e Universidade: Reflexões sobre o ser negro na Universidade”.

2. METODOLOGIA

Existem três eixos que são trabalhados no Coletivo Hildete Bahia; saúde da mulher, saúde da população negra e saúde da população de lésbicas, gays, bi, trans, queer, intersexo, assexuais, pan, não-binárias e mais (LGBTQIAPN+).

Mensalmente são realizadas reuniões entre os integrantes do Coletivo, onde ações que estão sendo colocadas em prática são conversadas e também novas propostas de atividades podem ser apresentadas. Visto a pouca promoção de espaços que dialoguem sobre as relações étnico-raciais dentro da Universidade, principalmente em conversa com outros estudantes negros, de forma coletiva, nasce a atividade: Racismo e Universidade: Reflexões sobre o ser negro na Universidade.

A atividade foi divulgada com antecedência nas redes sociais (Figura 1), com a coordenação de um estudante negro, graduando em Licenciatura em História que também é membro do Coletivo, sendo direcionada para todos os segmentos; comunidade externa, professores, servidores e estudantes. Acontecendo no dia 21 de agosto de 2024, na sala 202, do Campus II, da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ocorrendo das 17h15 às 18h30.

Figura 1: Card da atividade “Racismo e Universidade: Reflexões sobre o ser negro na Universidade”



Fonte: https://www.instagram.com/p/C-tWsmJA_Pg/

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A Universidade reflete os problemas que estão presentes na sociedade, o racismo se apresenta como um processo histórico, político e de poder. Estudantes negros são racializados desde o primeiro dia que pisam na Universidade, que é um espaço fruto de relações desiguais de poder baseados na raça, existindo um padrão hegemônico branco que coloca os estudantes negros como indivíduos fora do lugar. Além disso, é importante afirmar que pessoas brancas não sabem o que é chegar em uma sala com trinta pessoas e não ver ninguém semelhante a elas, que o racismo não é apenas um evento gritante de violência, mas que atravessa cotidianamente a biografia do sujeito negro (KILOMBA, 2019). Reconhecendo a importância de ser uma atividade feita em circularidade, os participantes e coordenador se organizaram em formato de roda de conversa. No primeiro momento, foram feitas algumas considerações sobre temas como racismo estrutural, racismo institucional, pacto da branquitude e vivências do mediador na Universidade. Os participantes tinham liberdade para, em qualquer ocasião, levantarem assuntos ou relatarem alguma vivência pessoal.

Em determinado período, os participantes foram relacionando os temas propostos com suas vivências, sendo importante destacar que a maioria dos presentes eram homens e mulheres negras estudantes da UFPel, expondo a necessidade destas atividades e que os estudantes, professores e servidores brancos se veem distantes do tema, não se colocando como responsáveis no processo antirracista. Nota-se através das falas, que o racismo na Universidade é violento e cotidiano, mas acontece de forma silenciosa. As principais questões levantadas foram sobre o currículo branco e elitista que não conversa com a população negra, falta de representatividade e o pacto da branquitude entre colegas, professores e servidores brancos que é baseado a um acordo de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios (BENTO, 2022). Também foram levantadas questões acerca da formação oferecida pela Universidade que não pensa nas experiências negras no seu processo de construção e na necessidade de embranquecer a própria trajetória para seguir uma carreira acadêmica.

Para além da identificação do racismo na Universidade, os participantes perceberam que carregavam histórias parecidas, que o racismo não é um problema de sensibilidade, mas sim, algo presente que deve ser combatido cotidianamente. Foi citado na roda de conversa que algumas pessoas negras se cumprimentavam na Universidade mesmo sem se conhecerem, situação que cria um cenário de afeto e possível superação do racismo, onde estudantes negros reconhecem que estão tentando superar o mesmo trauma coletivo, Grada Kilomba diz “A saudação e sua linguagem familiar curam as feridas do passado colonial, criando um cenário para superar as feridas do racismo cotidiano no presente” (KILOMBA, 2019, p. 211).

Dentro deste contexto, a atividade criou um espaço afetuoso onde os estudantes negros participantes puderam fomentar teorias sobre relações étnico-raciais e relataram vivências, recriando suas potencialidades em processo de tornarem-se negro, de forma política, com seus semelhantes, Neusa Santos Souza diz:

[...] saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a

experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades (SOUZA, 2021, p. 46).

Recriando e reconhecendo nossa (re)existência na Universidade, que são a todo momento negadas através do racismo. Os próprios participantes identificaram ao final da atividade, a importância destes espaços que pensam as experiências negras, promovidos por coletivos, garantindo muitas vezes a permanência dos estudantes envolvidos.

4. CONSIDERAÇÕES

Podemos concluir que a atividade “Racismo e Universidade: Reflexões sobre o ser negro na Universidade”, alcançou seus objetivos propostos que eram tanto fomentar teoricamente outros estudantes negros, como principalmente realizar um espaço de conversa coletiva sobre as diversas vivências negras presentes na Universidade. Como também evidenciou a dificuldade de fazer com que os estudantes, professores e servidores brancos estejam presentes em atividades alusivas às relações étnico-raciais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARMICHAEL, Stokely; HAMILTON, Charles V. **Black Power: A Política de Libertação nos Estados Unidos**. São Paulo: Jandaíra, 2021.

CHAVES, Vanessa Dutra; GRIEBELER, Stefanie Oliveira; MOTA, Marina Soares. Experiências de Solidão Acadêmicas Negras Jovens Adultas Vinculadas a Universidade do Extremo Sul do Brasil. **REVISTA ÁFRICA E AFRICANIDADES**, v. 16, p. 200-213, 2024.

DA SILVA, Marcos Antonio Batista. Racismo institucional: pontos para reflexão. **Laplage em revista**, v. 3, n. 1, p. 127-136, 2017.

Figura 1: https://www.instagram.com/p/C-tWsmJA_Pg/. Acesso em: 03/10/2024.

hooks, bell. **Olhares Negros: Raça e Representação**. São Paulo: Elefante, 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo Estrutural: Uma Perspectiva Histórico-Crítica**. São Paulo: Dandara, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se Negro: Ou as Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. São Paulo: Zahar, 2021.